

**TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO**  
**“INTERVENÇÃO DE ASTROJILDO PEREIRA”**

**APRESENTAÇÃO**

O documento transcrito faz parte do Fundo Astrojildo Pereira, preservado no ASMOB, pertencente ao Instituto Astrojildo Pereira - IAP. Atualmente esse Arquivo é mantido sob custódia pelo Centro de Documentação e Memória da UNESP - CEDEM.

Em constante renovação, tanto de acondicionamento, para sua maior preservação, como de sua organização, para disponibilização à pesquisa, o Fundo Astrojildo Pereira traz à luz, cada vez mais documentos de importância ímpar tanto política como cultural.

Mesmo o documento não tendo assinatura, data nem local, há indícios que dará ao pesquisador informações do quando, por que e onde esse documento foi elaborado, além de outros detalhes importantíssimos para pesquisa.

A transcrição seguiu as *Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos*, aprovado pelo Arquivo Nacional.

Jacy Machado Barletta<sup>1</sup>

Viviane Longo<sup>2</sup>

[fl 01]

**Intervenção de Astrojildo Pereira**

1) Participei até certo momento, durante os tres primeiros meses, das discussões preparatórias desta Conferência. O relatório do camarada Dalcídio Jurandir foi elaborado e redigido justamente depois que, por motivos independentes da nossa vontade, já não pude

---

<sup>1</sup> Graduada e Licenciada em História pela USP, Mestre em Educação pela FEUSP, Lato Sensu em Métodos e Organização de Arquivos pela USP.

<sup>2</sup> Graduada e Licenciada em História pela USP, Mestranda em Museologia, pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMUS-USP).

participar das discussões. Trata-se, como todos aqui reconhecem, de um grande documento destinado a marcar a viravolta em toda a nossa atividade ulterior de intelectuais comunistas. É o manifesto da nossa revolução cultural.

Estou de pleno acôrdo com a sua linha e as suas formulações, sem embargo de notar nele algumas deficiências e ainda um ou outro pequeno engano.

A principal deficiência, a meu ver, está em que o informe não fez nenhuma referência às influencias de natureza filosófica no desenvolvimento da cultura no Brasil. Numa das citações

[fl 02]

2)

feitas por Dalcidio diz-se que Lênin, no seu livro Materialismo e Empiriocriticismo combate o idealismo filosófico e ao mesmo tempo a estética burguesa, reacionaria. Lembro esta citação para salientar não só a importância da fundamentação filosófica da história da cultura (o que é evidente para todos) mas também para mostrar que o estudo da literatura e da história literária de um país é inseparável do <estudo simultâneo ou paralelo da> historia do desenvolvimento das idéias filosóficas.

Uma coisa me chamou a atenção, nos estudos que tenho feito ultimamente sôbre os problemas que nos interessam aqui, e vem a ser a seguinte: é na poesia e na filosofia que mais claramente se manifestam as ideologias que se chocam em cada período histórico. Por exemplo, no período da nossa história literária que vai da Escola Mineira, que se formou sob a influência das idéias do iluminismo, até à Regência: é na poesia e na filosofia que encontramos os sinais mais evidentes da luta então travada entre as idéias progressistas e as idéias conservado-

[fl 03]

3)

ras e obscurantistas. Há até o caso muito significativo de Tomás Antonio Gonzaga, autor não sômente das Lyras e provavelmente das Cartas Chilenas, mas também de um Tratado do Direito Natural. Não conheço êste livro, mas apenas a crítica desfavorável que dele fez um escritor católico; mas trata-se, com todos os defeitos que possa conter, de obra inspirada nas idéias do século. Temos mais tarde outro exemplo na pessoa de Gonçalves de

Magalhães, poeta e filósofo, fundador do nosso romantismo e continuador do ecletismo de Monte Alverne - filosofia reacionária que dominou entre nós desde o fim da Regência até ao fim da guerra do Paraguai.

Esta insuficiência do informe levou o seu redator a subestimar a influência da Escola do Recife no período que se seguiu à guerra do Paraguai. Dalcídio se refere mesmo a uma "onda chamada cientificismo", que aparecera nesse período. Mas chamada "cientificismo" por quem? Justamente pelos historiadores e críticos reacionários de então e ainda hoje. Não, não foi uma

[fl 04]

4)

onda "cientificista", mas uma onda de influências científicas, materialistas, que nos vinham de Darwin, de Haeckel, de Büchner, do próprio comtismo, etc.

De acordo com o plano primitivo desta conferência, eu devia fazer uma intervenção especial sobre o desenvolvimento das "duas culturas" em nossa história literária. Cheguei mesmo a redigir <um esboço> nesse sentido, que entregarei à direção do Partido para um possível aproveitamento. Mas quero, neste momento, ler a parte do meu trabalho que se relaciona <com o período de 1870 à República, em que se inclui a Escola do Recife. Será uma contribuição,> que me parece útil, ao conjunto dos nossos debates.

Ponho entre aspas o trecho em questão:

[fl 05]

5)

"O nosso atraso em matéria de filosofia é uma expressão inequívoca, nos domínios da cultura, do nosso atraso econômico, político e social. Assim é que depois da influência benéfica da filosofia materialista do Século XVIII, que iluminou os movimentos revolucionários da Inconfidência Mineira e da Independência, recaímos, com a escamoteação política de 1822, no espiritualismo reacionário feudal-clerical, e só por volta de 1870 começamos a livrar-nos dos entorpecentes ecléticos."

Sabe-se que o positivismo de Comte "significava um retrocesso em comparação com a filosofia da burguesia progressista, com o materialismo francês do século XVIII e

com a dialética de Hegel" (Historia da Filosofia, vários autores, Editorial Vitoria). Pois bem, no Brasil, o aparecimento do positivismo de

[fl 06]

6)

Comte, na década de 70, representou um progresso e não pequeno progresso em relação a Monte Alverne e Magalhães, que dominavam o cenário soberanamente. Hegel só depois de 70 começou a ser conhecido. Feuerbach, muito vagamente, através de Tobias Barreto. De Marx e de Engels, cujas primeiras obras datavam de 1847 e mesmo antes, parece que nunca se ouvia falar. O máximo a que chegávamos aqui, e já o vimos anteriormente, foi a umas tinturas de fourierismo e de falansterismo. Mas enfim, na década de 70 a 80 tomaram as coisas novo rumo, com uma tentativa mais séria de renovação do nosso pensamento num sentido materialista.

Esgotado o romantismo, escreveu José Veríssimo, "...entram a influir a mente brasileira outras correntes de pensamentos,

[fl 07]

7)

outros critérios e até outras modas estéticas européias de além Pirineus oriundas das novas correntes espirituais, o positivismo em geral ou o novo espírito científico, o evolucionismo inglês, o materialismo de Haeckel, Moleschott, Büchner, o comtismo, a crítica de Strauss, Renan ou Taine, o socialismo integral de Proudhon, o socialismo literário de Hugo, de Quinet, de Michelet."

Acontecimentos de ordem política e social condicionaram êsse movimento de renovação cultural: a guerra do Paraguai, o problema da escravidão, a questão religiosa, o manifesto republicano de 1870, e ainda a repercussão entre nós de acontecimentos internacionais - a revolução republicana espanhola de 1868, a guerra franco-prussiana e a consequente queda do império de Napoleão III (e o estupor produzido pela Comuna de Paris em 1871). Tais acontecimentos eram

8)

por sua vez condicionados e impulsionados por fatores estruturais mais profundos. A lavoura do café expandia-se, caminhando do vale do Paraíba em direção a novas terras paulistas. Com a abolição do tráfico de escravos, em 1850<sup>(1)</sup>, acentuava-se de ano para ano a escassês de braços, o que contribuía para favorecer e intensificar o movimento de rebelião de escravos, que fugiam das fazendas em grupos cada vez mais numerosos. Por outro lado, alguns fazendeiros mais inteligentes começavam a compreender a necessidade da importação de "braços livres", isto é, da imigração branca. Mas isto - como ficou comprovado por algumas experiencias feitas em São Paulo - era incompatível com a permanência do trabalho escravo, e daí que o movimento abolicionista começasse a ganhar a adesão

---

<sup>(1)</sup> Em grande parte por pressão inglesa, cuja exploração colonial de produtos iguais aos do Brasil (café, cana) não podia tolerar uma concorrência perigosa no mercado mundial - perigosa porque obtida por mão de obra escrava. [Nota do Autor]

9)

de certas camadas mais esclarecidas das próprias classes dominantes. <Acrescente-se a isso> o fato da aplicação de capitais em outros ramos da economia nacional - sobretudo nos transportes ferroviários e marítimos, nos serviços públicos, etc. Nem nos esqueçamos de que a década de 70 marca precisamente, no cenário mundial, o aparecimento do capital financeiro de caráter monopolista e imperialista, e que êste capital, de origem principalmente inglesa, buscava no Brasil um dos seus campos de exploração mais cobiçados. Coisa esta da maior importância, pois levava a um amordaçamento da burguesia nacional em crescimento, prêsas assim aos interesses estrangeiros contrários ao progresso do país.

Justamente nesses anos 70 <ou um pouco antes> apareceram os primeiros escritos de Tobias Barreto (1839-1889) e Silvio Romero (1851-1914), que iniciavam o movimento que tomaria o

[fl 10]

10)

nome de Escola do Recife e que tamanha influência viria a exercer, durante mais de 20 anos, no desenvolvimento da nossa cultura. Em 1878 publicava Silvio Romero A Filosofia no Brasil, balanço crítico da atividade filosófica até então verificada no país, emperrada sempre sob a pesada pressão clerical-espiritualista, e no qual abria certas perspectivas de desenvolvimento sôbre terreno mais sólido e mais amplo. Tobias Barreto por seu lado iniciou intensa campanha através da imprensa e mais tarde da cátedra da Faculdade de Direito do Recife, combatendo com virulência o dessorado espiritualismo ainda dominante no pensamento brasileiro. Ambos foram escritores fecundos, inquietos, versáteis, e sua obra é numerosa e variada, sobretudo a de Silvio, que aliás viveu muito mais. Tobias se dedicou de preferência à crítica filosófica, religiosa, jurídica e literária, e Silvio, além dêsses ramos de atividade, abordou também a so-

[fl 11]

11)

ciologia, a etnografia, a economia, a filosofia política, etc. Imbuídos de cultura germânica, realizaram uma tarefa sobretudo polêmica <seguindo rumos> variáveis e contraditórios, <inconsequentes no seu materialismo, mas em todo caso contra o ultramontanismo dominante até então.>

Tobias chegou até Haeckel, e depois caiu até Noiré, e Silvio acabou ancorando nas águas de Spencer, com incursões finais pela suposta ciência social de Le Play, Demoulins e outros corifeus da École des Roches. Fôsse como fôsse, o certo é que a chamada Escola do Recife exerceu benéfica influência na mentalidade brasileira de após 1870. Citemos os nomes de alguns discípulos e amigos de Tobias e Silvio: Clovis Bevilacqua, Artur Orlando, Martins Junior, Fausto Cardoso, Sousa Bandeira, Gumercindo Bessa, Graça Aranha, homens que vieram a adquirir renome na jurisprudência, na crítica e na literatura propriamente dita.

(ver o trecho a seguir, de Silvio Romero) [sic]

[fl 12]

É datada de 1900 a página em que Silvio Romero evoca o o [sic] momento em que surgiu a Escola do Recife

"Se êles tivessem uma visão clara da evolução total do espírito brasileiro na poesia, uma visão clara da evolução total do espírito brasileiro em religião, filosofia, política, direito e crítica literária, deveriam saber qual o estado de tôdas estas coisas nesta terra, em 1862, quando Tobias iniciou no Recife o seu poetar, e em 1868, quando deu comêço à sua evolução crítica. A fase poética, com ter valor, não tem a importância e o alcance da fase seguinte. O decenio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituiram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido directamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante opposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietarios, a mais indirecta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo

[fl 12]

## II

tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas provincias e na América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coêsa que já uma vez houve na história em um grande país. De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em tôda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a tôdas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrôcho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o partido liberal, expellido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido

republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar. Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi ainda

[fl 13]

### III

mais formidável, porque o atrazo era honoroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sôbre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por tôdas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folk-lore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado da alarma partiu da escola do Recife. Tobias foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rápida de que era dotado."

Prefacio de Silvio Romero a Varios Escritos, vol. X das Obras Completas de Tobias Barreto, pp. XXVI - XXVII.

[fl 13]

### 12)

Devo citar neste ponto um livro singular, de que ninguem fala - eu só o conheço de vista e por ter lido um excerpto na antologia de João Ribeiro Autores Contemporâneos - e que José Veríssimo registra, na sua Historia da Literatura Brasileira, como sendo "o primeiro de doutrina darwinista, senão materialista, escrito no Brasil" - O Fim da Criação, publicado em 1875. O autor era um velho diplomata, Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande.

Paralelamente - e ora em luta, ora em conúbio com a Escola do Recife - desenvolveu-se entre nós o positivismo, quer o ortodoxo dos sectarios de Comte, quer o dos heterodoxos que acompanharam a Littré ou Laffitte. A primeira obra de certa importância

neste sentido, aqui aparecida, foi o 1º volume, datado de 1874, das Tres Filosofias, de Pereira Barreto, filho de fazendeiros do vale do Paraíba que estudara medicina na Bélgica. Miguel Lemos fundaria o Apostolado Positivista em 1881, depois de alguns anos de

[fl 14]

13)

permanência em Paris. Encontrou em Teixeira um companheiro com alma de apóstolo, que não só o secundou como, após a sua morte, continuou com inextinguível dedicação a pregação [*sic*] do comtismo ortodoxo, isto até a um tempo relativamente próximo dos nossos dias. Sabe-se da considerável influência, política, moral, filosófica e mesmo literária, exercida em nosso país pelo Apostolado Positivista, sobretudo na propaganda e organização da República.

Escreveu José Veríssimo: "Antes da República, ou por espírito de oposição ao império católico, ou por influência desse pensamento moderno, eram os intelectuais brasileiros quase todos livre-pensadores, ou pelo menos espíritos de um larguíssimo liberalismo, que roçava pelo livre-pensamento". Veríssimo não se refere apenas à influência da Escola do Recife, que ele aliás não aceita como tal, ou do positivismo; mas é inegável a contribuição de ambos os movimentos ao impulso progressista experimentado pela intelectualidade brasileira a partir de 1870 e

[fl 15]

14)

que perdurou durante muitos anos ainda depois da República. Entretanto, é preciso considerar, por outro lado, que o espiritualismo, combatido e batido nos seus redutos ultramontanos, não se deu por inteiramente vencido e reagiu sob formas disfarçadas de pessimismo à Schopenhauer e de cepticismo à Renan. A influência dissolvente dessas formas subtis de reação - tanto mais atrativas quanto se tratava, no caso de Schopenhauer e Renan, de dois grandes escritores - produziu os seus efeitos corrosivos sobre boa parte dos intelectuais de então, inclusive sobre aqueles que se haviam formado ao influxo das

concepções materialistas, coisa aliás facilmente compreensível quando consideramos que tais concepções eram ditadas por um materialismo vulgar, à Büchner, não tendo passado jamais além do naturalismo de Darwin ou de Haeckel, ou do confuso ateísmo de Comte e seus epígonos. O materialismo dialético era desconhecido, nem

[fl 16]

15)

existia ainda no país uma classe operária cujo volume já pudesse constituir uma base social capaz de condicionar alguma atividade intelectual inspirada nas concepções filosóficas de Marx e Engels.

Como quer que fôsse, o certo é que a maioria absoluta dos escritores dêsse tempo, sobretudo os mais jovens, estava impregnada de "um estado de espírito" que o Sr. Tristão de Ataíde, em artigo recente, qualificou que "nitidamente negativista, em matéria religiosa e naturalista, em matéria filosófica". Poetas, romancistas, jornalistas, publicistas, filósofos (como acabamos de ver) afinavam mais ou menos pelo mesmo diapasão, e quase todos participavam, de uma forma ou de outra, da campanha abolicionista e da propaganda republicana. Mas é interessante observar que havia alguns abolicionistas e dos mais importantes, como Joaquim Nabuco e André Rebouças, que eram católicos e monarquistas, assim como havia republicanos e materialistas sem entusiasmo pela abolição, se é que não fôssem infensos à campanha. Já se tem notado ameadadamente que o Manifesto republicano de 1870

[fl 17]

16)

não incluía no seu programa nenhum item reclamando a abolição da escravidão (não tenho o texto à mão para proceder a uma verificação rigorosa). Sabe-se, aliás, que Tobias Barreto e Silvio Romero não se empenharam na campanha da abolição, e Tobias parecia mesmo indiferente à propaganda republicana. É claro que tôdas essas vacilações e contradições resultavam da própria mentalidade de classe dêsses escritores, quase tudo gente da pequena burguesia urbana ou rural. A própria burguesia progressista, ou as camadas dela cujos

interesses próprios de classe deviam empurrá-las pelo caminho do progresso, também elas estavam minadas de contradições e vacilações, em consequência não só de fatores de ordem interna (suas origens e ligações com os latifundiários e senhores de escravos), mas também de fatores externos - a pressão nascente e crescente do capital imperialista. Mauá é o exemplo típico disso. Na literatura, o caso mais típico dessa

[fl 18]

17)

época e ainda depois é o de Silvio Romero. Materialista, companheiro de Tobias na dura campanha ideológica que ambos encabeçaram contra as idéias conservadoras e ultramontanas reinantes até então sem contraste, homem de temperamento exuberante e polêmico, escritor honesto, sua obra é tôda ela vincada por contradições às vezes chocantes. Chegando às vezes à beira do socialismo (há mesmo uma curiosa declaração dêle neste sentido, datada de 1906 e reproduzida, se não me engano, num dos últimos números de Literatura), há coisas nele, nos seus estudos econômicos e políticos (principalmente nos discursos parlamentares) que o aproximam das peores concepções reacionárias. E o fato de sua aceitação e adoção mais duradoura das concepções filosóficas e sociológicas de Spencer - o ideólogo por excelência da grande burguesia capitalista e imperialista - define bem a sua posição, permanentemente sujeita a tôdas as pressões contraditórias de ordem externa e interna.

[fl 19]

18)

A meditação sôbre êste período da nossa história cultural levou-nos a compreender em tôda a sua profundidade o conceito de Rosental, quando escreve: "Tôda ideologia que surge de uma etapa histórica dada é relativa porque se encontra limitada pela propria imperfeição do desenvolvimento histórico, pelo estado de insuficiência dos conhecimentos humanos, por seu conteúdo social e de classe, etc. Por sua vez, entretanto, essa ideologia pode conter alguns grãos da verdade absoluta já que consegue exprimir cabal e completamente alguns aspectos da realidade objetiva." Com êste critério de relatividade, evidentemente, é que devemos proceder ao estudo crítico do movimento das idéias em

nosso país, buscando em cada etapa do seu desenvolvimento os grãos de verdade que possam conter ainda que em escala diminuta. >>

Acrescentarei neste ponto uma sugestão prática para as tarefas já traçadas no informe: a de se constituir um equipe de nos-

[fl 20]

19)

-sos camaradas mais inclinados a esta especie de atividade, a qual se dedique ao estudo da filosofia e dos problemas filosóficos, inclusive a história da filosofia em nosso país. Não nos esqueçamos de que as classes dominantes estão empregando, entre nós, presentemente, um grande esforço nos dominios da filosofia, criando faculdades, promovendo cursos e conferencias, formando enfim uma equipe de jovens intelectuais impregnados de idéias filosóficas que vão de Santo Tomás de Aquino a Heidegger, Sartre & Cia. E ainda muito recentemente um congresso de filosofia se reuniu em São Paulo. Foi êsse o primeiro que já se realizou no Brasil - e não por acaso, evidentemente.

Passo rapidamente a outros pontos do informe.

Com relação a Antonio José, a argumentação utilizada pelo informante não

[fl 21]

20)

me parece convincente. O só fato de Antonio José ter nascido no Brasil não faz dele um escritor brasileiro. A adotarmos o critério do lugar de nascimento, teríamos de perder Tomás Antonio Gonzaga, entre outros.

Um engano de datas está no trecho em que se fala de gréves a partir de 1870. Dalcídio se refere particularmente a gréves de tipógrafos e a certas influencias do socialismo utópico. Em vez de 1870 deve se pôr 1858, que é a data exata da primeira grande greve operária declarada em nosso país: foi uma gréve dos tipógrafos do Rio de Janeiro, que durou dois meses, em que sómente o jornal dos grevistas se publicou, com tôda a regularidade. Mas as influências do socialismo utópico eram mais antigas, vindo

pelo menos desde 1840, por intermédio de um fourierista, o engenheiro francês Vauthier, que trabalhou no Recife entre 1840 e 1846. A revista de Antonio Pedro

[fl 22]

21)

de Figueiredo, O Progresso, sofreu essa influencia, a que não foi estranho o panfletário Antonio Borges da Fonseca, também leitor, como Figueiredo e outros, das publicações fourieristas distribuidas por Vauthier.

Uma palavra sôbre a auto-crítica do romancista Dalcidio Jurandir. Saiu diluida na crítica feita em bloco a vários romancistas. Eu gostaria, por exemplo, de ver caracterizados os defeitos de forma do Marajó - especie de hermetismo pitoresco, com o seu excesso de regionalismo e de falso populismo. A cada página do Marajó o leito sente a falta de um vocabulário de termos locais.

2) Desejo acentuar, no concernente às tarefas de estudo que deveremos realizar, visando a uma assimilação mais profunda dos elementos progressistas da nossa cultura, com raizes no povo, a necessidade

[fl 23]

22)

de pesquisas científicas sérias sôbre a nossa poesia popular, os abc, a literatura oral, o folclore, etc. Tais pesquisas, feitas naturalmente com critério rigoroso, à luz do marxismo, poderão nos revelar coisas da maior importância relativamente à expressão direta dos sentimentos do povo, em que se reflitam as suas lutas, as suas aspirações, as suas esperanças. Isto que digo a respeito da literatura popular, escrita ou oral, se aplica, já se vê, à arte popular em geral, música, escultura, pintura, artesanato, etc.

3) Devo por fim fazer a minha auto-crítica. A crítica formulada no informe é justa e assim a reconheço. Não vou repetir a enumeração dos meus êrros e faltas, nem estou querendo aceitar a crítica e fazer autocrítica formal, da boca pra fóra. O que me esforço por fazer é buscar as causas de tais êrros e faltas, localizar e caracterizar as suas raízes, para

[fl 24]

23)

poder evitá-los o mais possível no meu trabalho ulterior.

Desde logo, minhas origens de classe: média burguesia rural arruinada pela abolição da escravidão, transferencia da família para uma pequena cidade, frequencia de escola primaria, e depois mudança definitiva para o Rio. Juventude rebelde, revoltada, desiludida da política burguesa, aceitação entusiástica da ideologia anarquista desde 1910. Junte-se a esta formação anárquica, tipicamente pequeno-burguêsa, a ausência de tradição marxista no país, e aí temos um lastro ideológico difícil de alijar. Trabalho sobretudo praticista no Partido, entre 1922 e 1932, com leituras desordenadas, sem plano. Eis o que me levou à incompreensão da situação em 1928-30, em que o Partido lutava contra as influencias pequeno-burguesas. Participei dessa luta na direção do Partido, mas na realidade sem compreender o seu conteúdo, aceitando e defendendo formalmente o princípio da hegemonia do proletariado. Em 31 fui destituído da direção do Partido e no começo de 32 eliminado do próprio Partido. A direção ainda me proporcionou a possibilidade de discutir: recusei passivamente. Ingressei no comercio, primeiro

[fl 25]

24)

como empregado e depois como dono de um pequeno negócio, onde acabei fracassando. Sem jamais tomar posição ativa contra o Partido, pensei que poderia exercer uma atividade revolucionária à margem do Partido, apoiando-o. Colaborei na A Manhã em 1935, combatendo o fascismo, apoiando a ANL. Publiquei no fim dêsse um ano um livro em tal sentido. Mas hoje compreendo que o fato de ter admitido a possibilidade de atuação

comunista fora das fileiras do Partido já resultava de uma posição pseudo-marxista, uma posição objetivamente anti-marxista, anti-comunista, contra o Partido.<sup>(1)</sup> Outros fatos. Em 1931, em São Paulo, liguei-me aos grupos literários que editavam a Revista Nova (Mario de Andrade - Antonio de Alcantara Machado) e O Homem do Povo (Oswald de Andrade). No Rio, liguei-me aos círculos literários após 1934, com ilusões em Gilberto Freyre & Cia. Em 1939, participei da "exagerada valorização" de Machado de Assis. Fizeram-me um círculo de elogios e mesmo algumas tentativas de corrupção: oferta de Chateaubriand para seguir para Londres como correspondente de guerra dos Diários Associados, pedidos de colaboração para Cultura Política, Atlantica (Salazar), oferta de um lugar no Instituto do Livro, etc. Levado por

[fl 26]

25)

essas ligações e amizades literárias, escrevi por volta de 1943 um trabalho de historia literaria para um Manual Bibliográfico em português custeado pela Fundação Rockfeller, recebendo em paga um conto de réis. (Entre os colaboradores desse Manual: Rubens Borba de Moraes, organizador, Caio Prado Junior, Sergio Buarque de Holanda, Octavio Tarquinio de Sousa, Francisco de Assis Barbosa, etc.) Publiquei em 1944 o volume Interpretações com os ensaios escritos após 1936 (menos um, de 1929) e já caracterizados com justeza no informe. Sem dúvida eu pensava, ao escrevê-los, que fazia crítica literária "marxista"; bem vejo hoje que se trata de crítica pseudo-marxista, o que objetivamente vem a ser a mesma coisa que uma crítica anti-marxista. Citarei ainda a minha colaboração em Diretrizes, a revista pseudo-comunista com a qual me sentia solidário.

[fl 27]

26)

Tudo isso junto, todo esse passado político e literário de mais de 30 anos, nas condições em que se desenvolveu, conforme acabo de sumariar, é que me levou à dúvida e falsa posição de 1945, apoiando o Brigadeiro, sem compreender a linha do Partido. Era o despenhadeiro, de que pude me livrar com a autocrítica então publicada na Tribuna Popular (agosto de 45). Voltei ao partido, logicamente, e entreguei-me de corpo e alma ao trabalho. Mas ainda depois, sobretudo na ABDE, na revista Literatura, no Congresso de Belo

Horizonte, na eleição da ABDE em 49, etc., minha atividade revelou-se eivada de oportunismo e liberalismo. Só em 1949, depois da referida eleição da ABDE comecei a romper com as amizades e ligações literárias, e desde então venho realizando um esforço tenaz no

[fl 28]

27)

sentido de vencer os êrros e debilidades que me apontam e que eu mesmo vou reconhecendo. É coisa difícil, mas bem sei que não há outro caminho. Espero que êste esforço de renovação não seja feito em vão, mesmo com os 60 anos que já me pesam no lombo. Compreendo muito bem que minha vida não tem nem pode ter sentido sem o Partido ou fora do Partido. Tenho pago bem caro os anos e as ilusões de atividade à margem do Partido.

Julgo esta conferência um acontecimento histórico na vida do Partido, e ainda, por isso mesmo, um acontecimento histórico na vida cultural do nosso país. Grandes tarefas nos esperam e o informe que nos foi dado a debate vem a ser o manifesto da revolução cultural que somos chamados a encetar, sob a direção do nosso Partido e inspirados pelo Manifesto de Agosto.

-----  
#

<sup>(1)</sup> Nota à pag. 24 - No fundo essa posição, revelando incompreensão do que significa a hegemonia da classe operaria, equivalia a admitir a capacidade da pequena burguesia para dirigir a revolução.

### **Detalhes Técnicos**

**Fundo:** IAP/ASMOB/FAP\*

**Espécie:** [intervenção]

**Forma:** original

**Suporte:** papel

**Técnica de registro:** manuscrito

**Data:** s/d

**Número de folhas:** 30

**Localização Física:** Caixa 01, Pasta 04, Doc 042

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Normas Técnicas Para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/normas.htm>>. Acesso em: 17 de outubro de 2016.

\*Instituto Astrojildo Pereira/Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro/Fundo Astrojildo Pereira